



APRENDIZAGEM E A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Rosana Maria Luvezute Kripka¹

Silvio Antônio Bedin²

Resumo. No contexto escolar além das dificuldades pessoais de aprendizagem, professores e alunos têm enfrentado o problema das violências em sala de aula, em relações interpessoais nos espaços escolares. Neste sentido, neste artigo, busca-se esclarecer, através de pesquisa bibliográfica, como estes comportamentos, presentes no cotidiano dos alunos, podem ser enfrentados e evitados. Além disso, o artigo também apresenta os propósitos do Observatório da Juventude e de Violências nas Escolas, da UPF, que busca desenvolver alternativas coletivas para o enfrentamento e prevenção da indisciplina e da violência presente no âmbito escolar.

Palavras-chave: Aprendizagem. Violência. Bullying. Observatório da Juventude. Educação para paz.

INTRODUÇÃO

O conhecimento matemático científico surgiu e se consolidou ao longo da história da humanidade, através da necessidade de se resolver problemas de cotidiano. Por possibilitar aplicações reais diversas o ensino de matemática torna-se importante para que o indivíduo consiga resolver seus problemas cotidianos apropriadamente e até mesmo potencializa a construção de novos conhecimentos gerados pela interação de seus instrumentos com as demais áreas existentes (PCN, 2007).

¹ Profa. Mestre em Ciências de Computação e Matemática Computacional. Instituto de Ciências Exatas e Geociências. Universidade de Passo Fundo/UPF, BR 285, Passo Fundo /RS CEP: 99052, rkripka@upf.br.

² Prof. Doutor em educação. Faculdade de Educação. Universidade de Passo Fundo/UPF, BR 285, Passo Fundo /RS CEP: 99052-900, sbedin@upf.br

No entanto, para promover um ensino de qualidade, é necessário que o educador matemático além de evitar meramente procedimentos mecânicos, promova um espaço de aprendizagem interativo, de forma que o aprendizado ocorra com significados, possibilitando ao educando a apropriação de conceitos de tal modo que o torne capaz de aplicar seus conhecimentos na realidade em que vive, transformando-a.

Os desafios do educador são muitos. Além de buscar metodologias compatíveis com as necessidades de seus educandos, atualmente surge o desafio de promover uma educação voltada para a construção de uma Cultura de Paz.

As questões da violência presente no âmbito escolar é um tema amplamente discutido na literatura. (BARROS, 2011; BEDIN, 2004; COUTINHO, MACIEL E ARAÚJO, 2009; LIMA, LUCENA, 2009; LOPES NETO, 2005; PARRA, 2009; SILVA E SALLES, 2010),

Cotidianamente são divulgados nos meios de comunicação notícias sobre situações de violência ocorridas nas escolas. Parra (2009) comenta que geralmente há uma grande repercussão negativa na sociedade tanto da violência, como da indisciplina que ocorre dentro das escolas, mas que infelizmente pouco, ou quase nada, se comenta sobre suas causas ou sobre possibilidades de enfrentamento.

O fato é que nos espaços escolares o problema da violência é um fenômeno desafiador, que instiga diversos educadores a buscar propostas alternativas para solucionar conflitos, bem como propostas que trabalhem com a prevenção à violência, ou seja, que propiciem e colaborem com uma Educação para a Paz (BARROS, 2011, BEDIN, 2004; SILVA E SALLES, 2010).

Neste sentido, na UPF, foi criado o Observatório da Juventude e da violências nas escolas, com intuito de identificar quais são os problemas decorrentes da violência no ambiente escolar, bem como identificar experiências bem sucedidas no combate à violência escolar, para possibilitar a capacitação de professores e estudantes para a prevenção e mediação de conflitos, através do diálogo em processos participativos.

VIOLÊNCIA E BULLYING NA ESCOLA

Uma das formas de manifestação da violência na Escola é o *bullying*. Segundo Coutinho, Maciel e Araújo (2009): “*Bullying* refere-se ao conjunto de atitudes agressivas, caracterizadas pela intencionalidade, repetição do ato e uso da relação desigual de poder entre pares na esfera escolar.”

No âmbito escolar, Coutinho, Maciel e Araújo (2009) afirmam que no contexto de manifestação do *bullying* podem ser identificadas algumas personagens típicas tais como Alvos

(vítimas), Autores (agressores), Alvos/Autores (vítimas/agressores) e, por fim, as Testemunhas (espectadores).

As autoras dizem que os Alvos, geralmente, são pessoas que de alguma forma despertam inveja ou preconceito e, ainda, que não revelam aos pais ou professores que estão sofrendo com o *bullying*. Por isso, os prejuízos a eles acabam se agravando pela frequência com que ocorrem. Em relação aos Autores, afirmam que os mesmos são populares e que usam do *bullying* para afirmação de poder. São geralmente líderes de grupos, (ao quais os ajudam tanto no ataque quanto na destituição da culpa) os quais assumem atitudes anti-sociais e que se satisfazem com o poder que possuem sobre a vítima e o sofrimento que lhes causam. Em relação às Testemunhas, as autoras comentam que são a maioria das personagens no contexto da violência escolar, mantendo-se afastadas dos atos de *bullying*, talvez por receio de tornarem-se as próximas vítimas. Lopes Neto afirma que de acordo como as testemunhas reagem ao *bullying* podem ser classificadas “como auxiliares (participam ativamente da agressão), incentivadores (incitam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper a agressão)” (2005, p. 168).

Lopes Neto (2005, p. 166), classifica o fenômeno *bullying* em três categorias: o *bullying direto* (apelidos, assédios, agressões físicas, ameaças, roubos e ofensas verbais), casos em que existe um ataque direto às vítimas; *bullying indireto* (indiferença, isolamento e difamação), sendo os casos nos quais as vítimas estão ausentes e o *cyberbullying*, (intimidação eletrônica por celulares ou *internet*), através do qual se utilizam mensagens e *e-mails* difamatórios, ameaçadores, assediadores e discriminatórios. O autor também identifica que condições familiares adversas, tais como a desestruturação familiar, a falta da afetividade por parte dos pais e o excesso de permissividade dos pais, contribuem com o desenvolvimento da agressividade em crianças.

As autoras Coutinho, Maciel e Araújo (2009) afirmam que o *bullying* afeta principalmente os adolescentes, sendo estes os principais Alvos/Autores do processo. Acreditam que este fato esteja comprometendo a saúde dos adolescentes o que conseqüentemente acaba por interferir negativamente em suas qualidades de vida. Afirmam também que os resultados de sua pesquisa concordam com reflexões anteriores de outros autores, ou seja, que a violência presente no âmbito escolar é um problema que traz implicações diretas para a sociedade, tais como a diminuição na qualidade de vida do indivíduo.

Lima e Lucena (2009) consideram o *bullying* como prática efetiva da violência dentro do contexto escolar e buscam esclarecer em seu trabalho como este dificulta o processo de ensino aprendizagem. Os autores apresentam os resultados de análises e percepções de três entrevistas realizadas com adolescentes jovens universitários que sofreram *bullying* durante o ensino básico.

Os autores concluíram nas pesquisas e entrevistas realizadas, que o despreparo de profissionais da educação acabam colaborando para que o fenômeno do *bullying* ocorra na escola. Identificaram que o preconceito com pessoas diferentes seria o principal motivador do fenômeno e, ainda, que a impunidade reforça os atos agressivos dentro dos espaços escolares, onde ambos contribuem para que o processo não seja interrompido. Salientam que o ambiente escolar deveria ser saudável, motivador e protetor, mas que devido à impunidade acabam ocasionando inclusive casos em que ocorrem agressões físicas. Questionam se a culpa poderia ser atribuída a um grupo genérico, como à Família, Escola, Gestores Escolares, Professores ou Estado. No entanto, ponderam que na realidade a culpa seria de todos os “eus” que integram os espaços em que vivemos. Que cabe a cada um de nós, vivermos comprometidos com uma sociedade em que se possa conviver num sistema democrático, em harmonia, a fim de construir um ambiente mais saudável. Concluem que, devido ao preconceito e impunidade existentes nos ambientes escolares, que o processo de ensino aprendizagem acaba colaborando para a formação de indivíduos preconceituosos, que se tornam violentos ou amedrontados, descomprometidos com ambiente social em que vivem.

Parra (2009) afirma que tanto a indisciplina como a violência são fenômenos da sociedade contemporânea, decorrentes do próprio desenvolvimento histórico. Com intuito de diferenciá-los, salienta que a indisciplina relaciona-se com a falta de obediência na relação direta entre professor e aprendiz, o que ocasiona os conflitos existentes específicos dentro da sala de aula, e que a violência, diferentemente da indisciplina, caracteriza-se por abuso de autoridade ou por uso da força, ocasionando danos morais ou físicos, o que gera conflitos interpessoais dentro do âmbito escolar como um todo, com repercussões inclusive sociais.

Para enfrentamento de indisciplina e de violência nos espaços escolares a autora sugere que a organização do trabalho pedagógico seja elaborada de forma a possibilitar uma aprendizagem com senso crítico, ou seja, que além da apropriação de conhecimentos científicos, também seja possível o desenvolvimento da autonomia, do autocontrole e da autorreflexão. Acredita que trabalhando desta forma se poderá prevenir os problemas pesquisados.

Silva e Salles realizaram estudos relacionados às questões teóricas sobre a violência presente na escola, bem como de projetos, subsidiados por entidades governamentais, para enfrentamento da mesma, fundamentados na proposta de incentivo à relações democráticas. Segundo as autoras:

“Em geral, violência é conceituada como um ato de brutalidade, física e/ou psíquica contra alguém e caracteriza relações interpessoais descritas como de opressão, intimidação, medo e terror. A violência não pode ser reduzida ao plano físico, podendo se manifestar também por signos, preconceitos, metáforas, desenhos, isto é, por qualquer

coisa que possa ser interpretada como aviso de ameaça, o que ficou conhecido como violência simbólica”. (p. 218, 2010).

Salientam que na atualidade, a violência não somente tem crescido quantitativamente, em termos de quantidade de fatos ocorridos, como qualitativamente, em termos da gravidade dos mesmos e que, especialmente nas escolas públicas, está se tornando banalizada.

Além desta consideração das autoras, cabe observar que infelizmente esta banalização da violência não ocorre somente no âmbito escolar. No nosso cotidiano convivemos com as mais diversas notícias violentas, o que já não causam mais novidade ou espanto.

Silvia e Salles (2012), ao pesquisar e analisar programas governamentais desenvolvidos tanto no Brasil e na Espanha, concluíram que eles alcançaram resultados positivos no que tange ao enfrentamento da violência no espaço escolar, por buscarem soluções de conflitos através da educação dos agentes escolares, incentivando a reflexão, o dialogo e desenvolvendo estratégias que visassem um ambiente escolar mais democrático. Porém, as autoras afirmam que os programas não conseguiram tratar completamente o problema do enfrentamento da violência presente na escola, pois não consideraram fatores externos que também podem desencadear a violência. Como exemplo elas citam a subcultura juvenil, que leva à deslegitimação da escola como fator de ascensão social, contribuindo com o descompromisso dos estudantes em relação à escola; o clima escolar; o contexto familiar e condições estruturais da sociedade, tais como a desigualdade social existente entre os alunos. Afirmam que o problema da violência somente poderá ser compreendida e contornada no momento em que for considerado o contexto cultural e social dos estudantes.

Da pesquisa realizada percebe-se que os autores ao buscarem identificar o contexto das violências presentes nas escolas, acabam não somente identificando violências dentro do espaço escolar, mas diversas violências presentes no cotidiano da sociedade, que interferem diretamente na formação e na qualidade de vida do indivíduo, que nela está inserido.

A violência acaba sendo gerada por atos agressivos de pessoas, que podem ter sido estimuladas de diversas formas, seja pelos próprios pais, ou pelos colegas, professores, funcionários ou gestores no ambiente escolar, ou até mesmo pela própria sociedade, através dos preconceitos existentes entre raças, crenças ou status social.

No contexto escolar o *bullying* chama a atenção, talvez por apresentar os atos de violência de forma mais explícita. Porém, apenas sua análise não possibilita compreender toda a complexidade do problema das violências existentes no âmbito escolar.

Também é possível perceber, que além da organização estrutural da escola, tanto fisicamente, como pela organização do trabalho pedagógico, é necessário pensar alternativas para

uma educação escolar que estimule a Paz, tanto para resolução de conflitos, como para prevenção dos mesmos, considerando todo o contexto cultural e social do estudante, buscando uma formação plena e completa, que o torne uma pessoa comprometida com a família, escola e com a sociedade em que vive.

OBSERVATÓRIO DA JUVENTUDE E DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Atenta a estas questões emergentes no campo da educação, a Universidade de Passo Fundo, firmou convênio com a Cátedra da Unesco de juventude, educação e sociedade, instituindo o Observatório da Juventude e de Violência nas Escolas, visando desenvolver atividades de pesquisa, ensino e extensão voltadas à compreensão e à prevenção das violências presentes nos ambientes escolares. A partir de 2011, o Observatório vem se constituindo com um centro multidisciplinar de referência no desenvolvimento de ações coletivas, de produção de conhecimentos relacionadas à juventude e à violência nas escolas. O Observatório pretende constituir-se como um lugar de escuta da realidade das violências, objetivando criar indicadores, relacionadas às suas configurações, que possibilitem apontar alternativas possíveis para seu enfrentamento.

Em 2011 o Observatório agregou a participação de representantes do Governo do Estado, através do Comitê Estadual de Prevenção às Violências nas Escolas, representante da Prefeitura Municipal, responsável pela Política Municipal de Combate ao *Bulliyng*, representantes de ONGS, como AVOCE (Associação de Voluntários de Passo Fundo) e ECOPAZ (Educação Alternativa à violência), representantes da Escola Bandeirante, localizada em Guaporé/RS/BR. Também agregou professores de diferentes áreas do conhecimento, tais como Pedagogia, Serviço Social, Direito, Economia, Sociologia, Antropologia e Matemática, entre outros, buscando ampliar o conhecimento de realidades a partir de diferentes olhares sobre a problemática e sobre as experiências vivenciadas pelos integrantes do grupo, tanto na prevenção como na resolução não violenta de conflitos.

Neste contexto, a experiência da Escola Bandeirante, onde já foram realizadas oficinas do projeto Alternativas à Violência, voltadas a estudantes, professores e pais, torna-se referência importante, que vem sendo investigada e divulgada. Ao longo de dez anos, foi desenvolvido um trabalho educativo, voltado à resolução não violenta dos conflitos, que contou com facilitadores que participam da ECOPAZ e do SERPAZ. Através de ações de educação para a paz, oficinas do Projeto de Alternativas à violência, de cursos e palestras buscou-se desenvolver uma perspectiva humanizadora e a ética do cuidado em educação. (BEDIN, 2004).

Em 2011, uma das ações do Observatório foi promover um Seminário, que contou com uma palestra de Marcelo Barros, com enfoque na importância na promoção da Educação para uma Cultura de Paz (BARROS, 2011).

Barros (2011) propõe que a educação deve ser conduzida através de um novo conceito de espiritualidade, a qual entende a compreensão da vida através da amorosidade, ou seja, onde as pessoas são convidadas a conviver numa dinâmica de evolução para comunhão e para integração com o diferente.

Afirma que ser espiritual exige ser profundamente humano em suas relações, sendo que este ocorre somente através de um caminho da solidariedade e de escuta, onde deve ser possível interagir com a diversidade de opiniões, respeitando-as.

Em sua palestra o autor enfatizou a necessidade de educar para sermos éticos e humanos, tendo em vista o quanto atualmente vivemos numa sociedade antiética e desumana. Neste sentido, indicou que a educação deve trilhar um caminho de diálogo desenvolvido a partir da diversidade advinda de diversas culturas populares envolvidas no processo.

Para tanto, Barros (2011) propôs a reflexão de que a mudança no processo ensino aprendizagem deve ocorrer inicialmente com o próprio professor, uma vez que para trabalhar a educação através do diálogo é necessário desenvolver a capacidade de escutar o outro e de dialogar.

O autor salienta a importância de se resgatar o direito da emoção e da afetividade, pois: “as emoções guiam o fluir do comportamento humano e lhe dão o seu caráter de ação” (Maturana apud Barros, 2000, p. 29). Também defende que o que é propriamente humano seria um entrelaçamento do emocional com o racional e para tanto é necessário resgatar e priorizar o diálogo entre emoções e razão. Barros (2011) afirma que é necessário ao educador resgatar seus sonhos e utopias para que se sinta motivado e desafiado a tentar ações alternativas coletivas de combate e prevenção à violência. Finaliza afirmando que no processo de educação para a paz é necessário trabalhar com amor, inclusive numa dimensão ecológica, pois a comunhão com a natureza possibilita a renovação do espírito, que impulsiona e renova as relações num ambiente de aprendizagem.

Por meio do Observatório, também foram realizadas oficinas do Projeto de Alternativas à Violência, vinculado à ECOPAZ, possibilitando tanto a professores do PARFOR, como a novos integrantes do próprio observatório, vivenciar experiências de resolução de conflitos e de prevenção à violência. Com isso busca o Observatório investir na formação de novos mediadores que futuramente poderão trabalhar na divulgação das ações propostas já consolidadas, bem como poderão colaborar na elaboração de novas propostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto da violência nos espaços escolares é um tema muito interessante, abrangente e desafiador. A violência se instala pela falta de amor, respeito, ética e principalmente pela falta de diálogo entre indivíduos, em diferentes relações sociais.

As pesquisas consultadas indicam que as violências, atualmente vivenciadas pelos estudantes em ambientes escolares, interferem diretamente em suas aprendizagens, bem como interferem em sua saúde, no seu desenvolvimento social e conseqüentemente na sua qualidade de vida. Indicam a importância do comprometimento da sociedade como um todo para a construção de um ambiente mais democrático, harmonioso e saudável.

Também foi possível constatar que a complexidade envolvida nesta questão extrapola o âmbito escolar e pode ser melhor compreendida levando em consideração contextos sociais e culturais dos estudantes, e suas implicações nos espaços de aprendizagem em que vivem, sejam eles escolares ou não.

Neste sentido, o espaço criado na UPF pelo Observatório da Juventude e da violência nas Escolas visa possibilitar um local de escuta e de debate sobre os problemas enfrentados nas escolas, com intuito de fomentar pesquisas interdisciplinares, que contribuam com diferentes olhares sobre novas possibilidades de resoluções de conflitos e de novas abordagens para a prevenção da violência. O observatório também visa contribuir na divulgação de experiências positivas no enfrentamento e prevenção da violência, através de palestras e oficinas em ambientes de aprendizagem.

As experiências vividas pelo grupo do Observatório indicam que a Educação para a Paz se constrói de “dentro para fora”, sendo necessário que haja inicialmente uma conscientização dos motivos que levaram a existência de conflitos, de modo que os mesmos possam ser resolvidos e evitados através do autoconhecimento, da reflexão, do diálogo e da “amorosidade” em relação ao outro. Também é possível concluir que, no ambiente escolar, para que situações de conflito possam ser trabalhadas e resolvidas, os professores primeiramente devem tomar consciência desta realidade, buscando criar um ambiente mais democrático, onde os acontecimentos possam ser vivenciados através do diálogo frequente, com tolerância e respeito à grande diversidade de valores e pensamentos existentes no âmbito escolar, para que juntos possam agir coletivamente na busca de uma Cultura para a Paz.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. *Para colaborar com o parto de uma humanidade nova*. Disponível em <http://www.marcelobarros.com/2011/10/palestra-em-passo-fundo.html>> . Acesso em 12 de nov de 2011.
- BEDIN, S. A. *Escola: a Magia da Criação - as éticas que sustentam a Escola Pública*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- COUTINHO, M. P. L. ; MACIEL, L. M. ; ARAUJO, L. S. *Bullying e qualidade de vida no contexto de adolescentes escolares*. In: XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, 2009, Maceió. XV ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 2009.
- IDALGO, M. O.; CARVALHO, C. A. *Bullying escolar e educação*. Anais do II SIMPÓSIO ESTADUAL SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE SOCIOLOGIA, UEL (Universidade Estadual de Londrina), Londrina, (Paraná-Brasil), 2009.
- LIMA, J.S. ; LUCENA, F. C. . *O Bullying e suas Implicações no Processo de Ensino aprendizagem: procedimentos para o descomprometimento do cidadão com o social*. *Ágora*, v. 4, p. 6-18, 2009.
- LOPES, NETO A. A, *Bullying-comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal Pediatria*. Rio de Janeiro. 2005.
- PARRA, S. *Indisciplina e violência na escola e o processo de Ensino-aprendizagem: algumas considerações a partir da organização do trabalho pedagógico*. Anais do IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e o III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia – ESBPp. PUCPR. Curitiba (Paraná-Brasil). 2009.
- PCN. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Matemática*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- SILVA, J. M. A. P. E. ; Salles, L. M. F. . *A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção*. *Educar em Revista* (Impresso), v. 02, p. 217-232, 2010.